

Duas nótulas etnográficas

Um dos grandes feitos ou proezas de que um rapaz de escola pode gabar-se é anunciar aos seus parceiros de aula ter descoberto um ninho de passarinho. Onde? onde? — inquirirão logo os camaradas. Isso é que eu não digo, retorquirá, importante, o gabarola. — Ai, não queres dizer? — Pois então vais ver o que te acontece, como eu descubro já o lugar onde o achaste, para lá mandar o *formigueiro*, que te há-de dar cabo dos ovos ou chupar os passarinhos, rematava, por sua vez, o chefe do grupo — que nas escolas há sempre um comandante a dirigir a malta. E, acto contínuo, lança na palma duma das mãos uma forte cuspidela e, sobre esta, dá, com a outra mão em riste, uma cutilada, esparrinhando a saliva e, para a banda onde caia maior porção, ele apontará a direcção e rematará: — é para ali! — E, agora, vais ver o que te vai acontecer, recitando imediatamente:

Formigueirinho vai àquele ninho!
Se tiver ovos, chupa-os,
Se tiver passarinhos, mata-os!

Mas logo o dono do ninho o há-de contrariar por sua vez:

Formigueirinho não vás àquele ninho,
Que está lá Sto. Antoninho
Com uma bengalinha de prata,
Que te mata!

E por aqui ficou a ocorrência, sem complicações ou consequências.

*

* * *

A galinha tinha acabado de chocar os ovos, nasceram os pintainhos e a canseirosa dona da ninhada logo pôs à disposição desta, em um prato, umas migas de miolo de broa molhadas de

vinho tinto — que os pintos, como os aldeões, não vão lá muito com o branco! — donde a criação, a princípio, mal debicava, não obstante o chamamento e ensino da mãe, que mostrava como se fazia.

Ninhada e prato com as sopas eram, depois, e durante uns breves dias, postos no chão térreo mas resguardados da loja onde estive o ninheiro para, uma vez adquiridas as forças, passarem para o exterior, debaixo da ramada, no gozo, sob a vigilância da cautelosa mãe, da liberdade e de pitadas de sol.

Já os pintos estavam crescidos quando a dona se apercebeu que pelo ar passava um ou outro minhoto (1) suspeito, que não andaria ali por bom, no perigo de pilhar os pintainhos, que mais tarde haviam de contribuir para o governo da casa e, talvez até, para o farnel da romaria, ainda longínqua.

E então, temerosa e prudente, aquela mulher avisou os homens da casa para que obviassem ao que era preciso para escorraçar dali o ladrão do *minhoto*. — Os homens logo trataram do caso. Foram ao monte buscar uma delgada e comprida vara de eucalipto, que estonaram, e colocada, na ponta desta, uma garrafa enfiada pelo gargalo, ergueram-na a prumo, segurando-a num dos pilares da ramada, debaixo da qual tinha aquela ninhada o seu habitual logradouro. E pronto! — A máquina, o aparelho de defesa, estava montado e protegida a criação. Aquilo, dizia, depois, a orgulhosa dona da ninhada, era remédio santo para correr d'ali com aquela maleita do *minhoto* e defender toda a criação, o que, não obstante, não impedia que faltasse um ou outro franganito, que bem podia ser obra da doninha ou outro bicho da mesma igualha, para o qual não havia remédio.

Recolhidas em Arouca por

ALBANO FERREIRA

(1) Milhafre.